

## FICHA TÉCNICA

Título original: *A Alvorada dos Deuses*

Autor: *Filipe Faria*

Copyright © by Filipe Faria e Editorial Presença, Lisboa, 2015

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2015

Depósito legal n.º 400 017/15

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

## PRÓLOGO

Dor, tão inesperada quanto lancinante, quando sou exumado da minha placidez submersa. Um nado-morto renascido, todo o meu ser é chama candente que se parece unir ao ponto branco rumo ao qual me precipito através da escuridão, irrompendo num mundo de som e luz. Som esse que me é alheio e para o qual não contribuo, luz essa que me cega. Onde estou? Que mais tribulações me reservará o Senhor, penso eu ao ser tomado por um súbito arrebatamento que me restaura a noção da minha pessoa, confundindo-me ao fazer-me perceber que não sei quem essa pessoa é. Fragmentos... memórias de uma luz branca, tão branca quanto a que me encandeou e aqui me trouxe...

— *Cristão...?*

Ouço a palavra, distingo os seus sons, mas juntos nada me dizem. Trata-se apenas do som que se destaca do ruído branco que me cega, para mim indistinguível da cor da luz que me ensurdece.

— Cristão?

Novamente os sons, desta feita mais perceptíveis, harmoniosos, instando-me a responder. Compreendo a palavra: «cristão». As tribulações que o Senhor me reservara... Sim, compreendo. Compreendo-a e, compreendendo-a, começo lentamente a compreender-me a mim também.

— Ouves-me, cristão?

Sim, ouço. E vejo... um rosto, que começa a tomar forma diante de mim, como uma mancha ardida nos meus olhos após ter fitado o próprio Sol. Um rosto belo, quase angelical na alvura de pele e cabelos, não fosse pela não menos alva barba e pela profundidade insondável dos seus olhos azuis. Um rosto... familiar?

— Eu... — a voz hesita. Ainda me é difícil distingui-la do rosto e não sei se são ou não um só. — Perdoa-me, cristão. Aquilo que agora faço, faço-o porque tem de ser feito. Para meu bem. E pelo teu, espero.

Ouço-o, mas não o compreendo. Os olhos azuis desfitam-me, olhando para baixo. Procuro segui-los, mas não o consigo, nem mesmo quando o som da voz suave dá lugar a um falsete cadenciado semelhante ao chilrear de um pássaro, vibrante e quase estridente, que por alguma razão me infunde com uma nova sensação: terror. A minha reação é a de me benzer ante tão blasfemo cântico, mas não sinto a mão que sinto que devia ter, o que tanto mais atemorizado me deixa. Resta-me orar para que o Senhor me valha... e experimento uma terceira sensação, ao sentir vergonha por temer.

O cântico cessa e sou novamente preso pelos olhos profundos como o oceano... o oceano que atravessei? Memórias do reflexo trémulo do Sol sobre a água, o fulgor dourado que cintilava em ondas da cor do aço... Ouro?

— Fala-me, cristão — ouço a voz pedir, novamente harmoniosa e calmante, deixando de parte o timbre que tanto me atemorizara. — Fala-me da tua viagem. Fala-me daquilo que te levou a Thule e do que lá te aconteceu.

Memórias de fogo... vermelho? Não, o rubor era de outra natureza. O fogo escorria, escarlate, escorrendo pelos regos da rocha basáltica adentro...

— Sim, dá largas às memórias, cristão. Abre-te a elas, deixa-as virem até ti.

A voz... tão familiar... mas não foi a que eu ouvi quando o fogo — não, o *sangue*, isso sim — não foi a que eu ouvi quando o sangue escorreu pela pedra, quando o ouro se refletiu no aço do mar, quando o enxofre no ar me causticou as narinas... Tão diferente de agora, que nada sinto além daquilo que ouço e vejo. E é aquilo que ouço o que me impele a submergir-me nas visões que me acometem, o que me leva a procurar a familiaridade reconfortante das memórias para me refugiar deste mundo estranho e assustador em que me encontro.

— Conta-me. Conta-me a história de sangue e ouro que traçou os nossos destinos. Desejo ouvi-la pelas tuas palavras, às quais não dei a devida atenção na altura devida.

Sangue e ouro. Sim, eu lembro-me. Começou com um e acabou com o outro... embora me seja difícil precisar qual a ordem.

— Abre-te a elas, cristão — reitera a voz, que principia a tornar-se indistinta quando a visão se me tolda, roída nas margens pelas

memórias que vão aflorando à superfície da minha consciência como cadáveres afogados a virem lentamente à tona. — Perdoa-me, mas dificilmente alcançarei a minha paz se não perturbar a tua, se não compreender quais os motivos da providência que te trouxe a mim...

A voz perde-se, tal como o rosto, ambos tragados pelo remoinho de reminiscências que me levam para longe dali, para um passado que sei ser o meu, mas cujas impressões nem por isso me parecem menos estranhas, ainda que mais reconfortantes do que o estranho purgatório em que me vi e ouvi. E que o Senhor me perdoe, pois sentir tamanha familiaridade com semelhantes visões só poderá levar à danação eterna da minha alma...

## I

Sou então arrebatado para uma memória, na qual — tal como no estranho purgatório em que me encontrei antes — os meus sentidos se confundem e uma voz é o meu único amparo. Uma outra voz familiar, a âncora que me faz assentar nas reminiscências de um passado que então revisito, imergindo-me nele como se o estivesse a viver pela primeira vez...

— *No princípio, o mundo convalescia após o choque entre o gelo e o fogo, a guerra sem sangue que tamponara o abismo de Ginnungagap.*

A voz, sibilina, precedeu a vasta paisagem vulcânica dilacerada por fendas que exalavam o vapor da neve acumulada nas suas bordas como pus de feridas febris. O firmamento apresentava-se como um lusco-fusco desprovido de Sol ou de Lua, ruborizado como o céu de uma noite onde grassasse um grande incêndio; incêndio esse que escorria das entranhas da terra e tingia de vermelho o negrume da rocha. Era essa a única fonte de iluminação na vista primordial que se me apresentou, um panorama de extensos desfiladeiros basálticos e esporões de gelo que haviam brotado do solo como fragmentos de osso em carne queimada. Os suspiros de alívio da terra pareciam soprar remoinhos de flocos de neve suja, muitos dos quais eram reduzidos a gotículas e orvalhavam a ainda quente rocha, que então exalava mais vapor.

— *A geada crepitante imitava o estalar das chamas à medida que a rocha líquida fluía, sibilando sob as lágrimas de alegria que o céu vertia; alegria e alívio perante o triunfo da vida...*

Sim, houvera de facto vida mesmo em tão desolada terra: três vultos de homens altos, espadaúdos e completamente desnudos, a cujos

pés parecia indiferente tanto a rocha ardente como a neve gelada. Recordo-me bem do sinistro propósito com que caminhavam, assim como do branco determinado dos olhos que se viam a meio de bastas cabeleiras sopradas pelo vento frio e pelos quentes bafos da terra. Dos seus semblantes assustadores e das indecifráveis expressões escondidas sob barbas fartas... mas não tive ocasião de as examinar com maior atenção, pois ela foi-me direcionada para algo que — Senhor, perdoai-me e sede minha testemunha — na altura permitiu que começassem a germinar as sementes da dúvida plantadas na minha fé.

— *A vida que fora gerada por Ymir, o primevo* — disse-me a voz sibilina, mas nem o epíteto, nem a toada pagã do nome deixavam adivinhar a monstruosidade que dormia encostada a um penhasco e que eu então contemplei.

Era monstruoso. Um Beemote pétreo que me atemoriza, agora que o revejo na minha memória, como então me atemorizou com a sua dimensão, alto como os contrafortes da torre de Babel. Tinha pele cor da rocha basáltica da qual aparentava ter nascido, com veios luzentes nos quais pulsava fogo líquido rubro-alaranjado, e excrescências de gelo imundo eclodiam do seu corpo, dos joelhos, dedos, cotovelos, ombros e da cabeça, essa encimada por uma verdadeira coroa álgida. Aninhados em seu redor encontravam-se homens e mulheres desnudos com melenas que alternavam entre o negro e o claro, que dormiam nos braços uns dos outros aos pés do gigante, como se da sua bacântica prole se tratasse.

— *Ymir, de cuja carne haviam nascido os Iotun na alvorada do mundo* — prosseguiu a voz. — *E tudo estava em paz... mas então vieram os Aesir, a prole degenerada dos filhos de Ymir.*

Os nomes causaram-me na altura grande estranheza, pois ainda não os conhecia, mas a minha atenção foi novamente direcionada para os três homens que surgiram no cimo do penhasco, dois deles munidos de enormes estacas de gelo que haviam arrancado pelo caminho. O terceiro, aquele que os parecia comandar, curvou-se diante de um pedregulho que o excedia em tamanho e ergueu-o sobre a cabeça com uma força prodigiosa enquanto os outros dois desciam ao longo das irregularidades da falésia para se posicionarem aos lados do gigante, silenciosos como predadores.

— *Liderados por Ódin, os Aesir atacaram à traição aquele a quem deviam a sua vida, os três vezes malditos três.*

Apenas a voz mo disse, os três assim o fizeram, e aquele que empunhava o pedregulho e permanecera no cimo do penhasco foi

o primeiro, arrojando a rocha com um brado cavernoso. O impacto foi tremendo, um estampido de trovão que precipitou uma chuva de fragmentos de gelo escuro e sangue quando a coroa do gigante foi estilhaçada. Cruelmente desperto, o colosso abriu os olhos incandescentes e gritou de dor e de surpresa — a sua voz, o ribombar do trovão que acabara de estourar — mas cedo foi silenciado pelos outros dois, que então arremessaram as suas enormes estacas de gelo como se de lanças se tratasse. As duas enterraram-se profundamente no pescoço do gigante com o som de estacas a serem cravadas numa crosta húmida, e o grito deu lugar ao gorgolejar de um Leviatã ferido de morte.

— *Vis traidores, chacinaram o seu próprio ancestral diante daqueles que os tinham por irmãos e que, surpresos, nada puderam fazer* — disse a voz, que, lembro-me de pensar na altura, relatava a atrocidade com uma frieza tal que só podia ocultar uma raiva gélida não menos capaz de queimar que a mais feroz das chamas.

Vi então os homens e as mulheres que dormiam aos pés do gigante despertarem de sobressalto, apavorados pelo imenso brado que fizera tremer o ar e abalara a terra. Houve gritos de medo, de desespero e de incompreensão, não só da parte daqueles que morreram esmagados pelas convulsões da morte do colosso, como também daqueles que foram atingidos pelos fragmentos de gelo e grossas gotas de sangue que sobre eles se precipitaram. Às gotas seguiram-se bâtegas, e a essas um borbotão escarlata que esguichou por entre os dedos daquele que a voz chamara de Ymir, transformando-se rapidamente numa torrente quando a vida abandonou os braços do gigante e estes caíram para os lados.

— *A essência vital de Ymir correu num raivejante dilúvio. O mundo foi assim submerso e todos os Iotun morreram afogados na fúria sangrenta da morte do seu ancestral...*

Grande foi a minha aflição quando não pude desviar o olhar de semelhante sacrilégio, e vacilei ao sentir que a minha fé estava a ser posta à prova. Pedi então, como agora peço, perdão ao Senhor, que no dilúvio mostrou o Seu poder sobre toda a criação, e que por certo não sofreria semelhante afronta à Sua autoridade.

— *Apenas dois sobreviveram, aqueles que eventualmente propagariam a sua espécie, náufragos desesperançados num mar de sangue enquanto os demais morriam afogados na torrente.*

Assim blasfemara uma vez mais a voz, indicando-me uma mulher de cabelos negros que ajudava um homem de barba e melena claras

a subir para cima de um bloco de gelo, ambos observados à distância pelos responsáveis pelo morticínio. Os três permaneciam no cimo do penhasco, a salvo do dilúvio que escorria em vagas vermelhas das feridas mortais do gigante tombado, e observavam sem qualquer emoção nos rostos parcialmente cobertos pelos cabelos soprados ao vento, quais estandartes esfarrapados e vitoriosos num campo de batalha.

— *Dois náufragos no mar de sangue no qual os seus se haviam afogado, a última esperança de uma raça que os Aesir nesse dia deram por exterminada.*

Horrorizado com o que via, lembro-me de não o ter ficado menos com aquilo que a voz sibilina me dizia, pois falava-me de eventos impossíveis enquanto me conduzia por visões em que olhos cristãos jamais deveriam assentar. O casal abraçava-se, chorando de mágoa e medo no pedaço de gelo que subia e descia pelas vagas do revoltado oceano escarlate.

— *E assim começou, com traição, morte...*

O colosso pontuou as palavras da voz ao ser sacudido por um derradeiro estertor, abalando o penhasco e desequilibrando os três indivíduos sobre ele empoleirados como abutres. Mesmo não estando presente, como hoje sei que não estava, a minha visão ficou coberta pelo vermelho que da garganta dele jorrou num último borbotão.

— *...e sangue.*



## II

Acordei no camastralho do porão da nau, arquejando ruidosamente na semiobscuridade, levando as mãos ao meu rosto barbado, onde ainda sentia o calor peganhento do sangue. Recordo-me de ter ficado deveras abalado e de não saber onde me encontrava, mas essas e outras considerações rapidamente se esbateram quando constatei que sangue marejava das minhas mãos, das chagas que nelas se haviam reaberto. Com a vista ainda toldada pelo vermelho, fiquei como que em transe a olhar para as minhas palmas sangrentas, e lembro-me bem das palavras que então me saíram da boca.

— Senhor, porque me testais assim...?

Disse-o porque sabia que assim o era, que Ele punha à prova a fé que eu ousara questionar tal como era veiculada pela Santa Madre Igreja. Afinal de contas, havia anos que as minhas chagas não supuravam, nem mesmo nos meus momentos de mais profunda dúvida, e afigurou-se-me revelador que o fizessem precisamente quando embarcara numa viagem de expiação em busca de respostas. Que o meu corpo ostentasse as marcas de Nosso Senhor Jesus Cristo nunca fora para mim uma bênção ou um sinal do favor divino, mas sim um forte indicativo de que dele não era merecedor. Envergonha-me hoje dizê-lo, mas sempre temera os sinais da Paixão, que sabia terem sinalizado o fim iminente do glorioso São Francisco de Assis, que fora incumbido pelo Senhor de reparar a Sua Igreja e cujos ensinamentos sempre procurei seguir fielmente. Seria esta a pena pelo meu orgulho, pensei, por me julgar à altura do mestre? Ou apenas mais um sinal de que iria partilhar o seu destino por almejar a perfeição do Santo Evangelho e nele perseverar até ao fim?

Ainda abalado pela visão que me despertara para uma não menos perturbadora realidade, não tive ocasião de me perder em tais cogitações como era meu hábito e tateei em busca do barril de água sobre o qual pousara a roupa. Abri-o, não para beber, mas para lavar do rosto o sangue que não estava certo de ser meu e que sentia colar-me algumas farripas de cabelo à testa. Assim abluído, trajei-me, liguei as mãos com trapos húmidos e percorri quase em transe o labiríntico porão, passando por barris, caixotes, pilhas de sacos de serapilheira e roscas de cordame. Apesar da quinzena de viagem, ainda não me habituara à oscilação da nau, o ranger rítmico que me trouxe à memória os rangidos de gelo e rocha da visão, e recordo-me bem da necessidade premente que senti de respirar ar puro. Foi com esse intuito que me dirigi instintivamente à escada, atraído pelo facho de luz matutina que jorrava da escotilha.

Quão bem me soube a gélida aragem, o salgado frescor marítimo que apaziguou a minha pele febricitante assim que subi ao convés. Também a alvorada dos marinheiros ingleses me reconfortou, os sons humanos e terrenos que serviam de contracanto para a melodia do deslizar da nau pelos mares e do range-range de cabos e mastros que saudavam o amanhecer daquele novo dia. O amanhecer que ruborizava a terra à distância: o meu destino. Para ela fiquei a olhar, alheio à estranheza que o meu aspeto poderia causar a quem me visse, trajado com o meu hábito castanho amarrotado, com grumos de sangue na barba castanha, cabelos húmidos ao vento a cobrirem-me a tonsura e trapos ensanguentados a envolverem-me as mãos. Não foi senão quando me dei conta de um marujo meu patrício à amurada que entrelacei os dedos para ocultar os trapos ensanguentados, como se orasse, e a ele me dirigi.

— Bons dias, irmão Berardo — disse-me, não fazendo caso da minha aparência.

Berardo de Varatojo. Foi esse o nome que adotei quando endossei o saio de São Francisco e tomei ordens nesse convento, sendo que o nome de batismo do qual me despojei, tal como o fiz com os meus bens terrenos, não mais é relevante. Escolhi-o em honra e memória de Frei Berardo de Carbio, presbítero e notável pregador e um dos seis Mártires de Marrocos, cujas almas foram entregues ao Senhor por ousarem pregar o Evangelho na mourama e cujo sacrifício a mim não inspirara menos que ao honrado Santo António. Porém, a minha vida até então fora tudo menos digna do nome que procurara homenagear, perdida em dúvidas e tribulações, questionando

a Sagrada Escritura e as ilações que a Santa Madre Igreja dela tirava, em vez de espalhar a palavra de Deus com a convicção que dos Seus servos se espera.

Sim, lembro-me agora daquilo que àquela nau me trouxe, dos rumores de que seria num mosteiro agostiniano da distante Thule que poderia encontrar uma cópia da *Magna Moralia*, o Comentário sobre Jó, a obra de São Gregório que me poderia ajudar a compreender as verdades da fé que se me furtavam. Haveria outros locais onde eu a pudesse consultar, segundo os meus irmãos, mas nenhum deles me tentara demover da minha decisão de rumar a tão remoto destino. Como eu, também eles sabiam que esta seria uma viagem de expiação, que, à falta de esclarecimento, me penitenciaria o corpo para que eu pudesse remir o meu pecado. Se não fosse vontade do Senhor que este desígnio me iluminasse, então pelo menos que ele me mortificasse o juízo para que eu cessasse de duvidar. Contudo, não fora até então esse o caso.

— Paz e bem, meu filho — respondi, sem verdadeiramente o sentir mas tão-pouco podendo refutar que aquele era, de facto, um bom dia. Contrariamente às expectativas, a minha viagem decorrera sem quaisquer incidentes de Lisboa até Londres e daí para Bristol, e mesmo o mês de janeiro daquele ano de Nosso Senhor de 1477 se mostrou clemente para com a frota que partira rumo a Thule, da qual nos aproximávamos. Por isso, tivera muito tempo para ponderar e meditar sem quaisquer distrações além daquelas que uma viagem por mar providencia a quem não está a ele habituado. Mas de pouco me servira.

— Há muito que não se via tão brando inverno. O irmão não imagina o gelo que costuma haver ali ao longo da costa — disse o meu patrício, percorrendo com o dedo a escabrosa e nada convidativa linha de costa que se avistava. — Palavra, que nunca esta viagem correu tão bem, São Nicolau seja louvado...

Nada disse, mas recordo-me bem da primeira impressão que Thule me inspirou. Era negra e vulcânica como a paisagem da minha visão, atapetada pelo branco da neve e do gelo, tal como na minha visão, e encimada por espessas nuvens que me traziam à memória as exalações vaporosas da minha visão. E era também afogueada pela aurora, tal como os céus escuros e vermelhos da minha visão. Uma terra verdadeiramente esquecida por Deus, na qual navio algum assentaria âncora, não fosse pelo proveitoso comércio de pesca, assim mo haviam afiançado em Bristol...

— Em nome da Santa Trindade, as maravilhas do Senhor manifestam-se em todo o seu esplendor! — São as palavras de que me lembro,

mas que não posso assegurar terem sido as proferidas pelo homem que então surgiu sob a sombra do mastro da mezena ao tombadilho. Isto porque não falava inglês ou anglo-normando como a maior parte da tripulação, e o português em que ocasionalmente se expressava era uma algaravia de idiomas que eu, na minha ignorância, desconhecia e ainda desconheço.

O Genovês, chamavam-lhe a bordo. Um homem notável, com uma vitalidade e ambição que o destacavam dos demais, naquela embarcação e não só. Não me recordo do nome dele, mas era letrado em latim e, uma vez que ambos tínhamos partido de Lisboa, tive ocasião de com ele privar ocasionalmente, e devo dizer que me humildaram a fé e devoção latentes em cada palavra sua. Fora comigo um homem sério e obsequioso, fluente nas palavras e convincente nas argumentações, mas extremamente reservado no que aos seus objetivos dizia respeito; porém, eu percebera que o seu desiderato eram as riquezas e mistérios que contava encontrar do outro lado do oceano, onde, segundo relatos de viajantes, se encontrariam tesouros incalculáveis e terras onde as casas tinham telhados de ouro. Um desígnio ridículo, poderiam alguns dizer, mas a firmeza das suas convicções bem como a total ausência de dúvidas ou hesitações emprestavam-lhe a crença de que era um instrumento do destino enviado pelo Senhor para levar a Sua fé a outras terras e cobrir de glória e riqueza a cristandade.

Sim, o Genovês humildou-me e cobriu-me de vergonha, bem patente no latejar das palmas chagadas das minhas mãos. Vergonha por ter dado comigo a *invejar* os traços da sua personalidade, o seu fervor e sincera devoção.

— Irmão Berardo, se me permite... — interrompeu-me o meu patrício, que, tal como os outros marujos, pouco caso fazia do Genovês. — Brando que esteja, o inverno desta terra não deixa de ser levado da breca. Não quer ir pôr nada mais quente?

— Obrigado, meu filho. Assim farei — respondi, distraído, desfiando o Genovês quando este se retirou e devolvendo a minha atenção à terra da qual nos aproximávamos.

Não deixava de ser intrigante, recordo-me de pensar, que nós os dois tivéssemos sido encaminhados para Thule, um duvidando da Providência, o outro desafiando-a. Seria quase de supor que, tal como a mim, algo impelira o Genovês a embarcar naquele navio rumo a tão desolada terra. Porventura a vontade do Senhor, pensei.

Mal sabia eu o quão errado estava.